

## O ENVELHE(SER) À LUZ DA PSICANÁLISE

Autoras: Roberta Machado Alves; Lauranery de Deus Moreno

Orientador: Laurence Bittencourt Leite

Universidade Potiguar (UNP) – [robertta\\_alves@yahoo.com.br](mailto:robertta_alves@yahoo.com.br)

Universidade Potiguar (UNP) – [lauranerymoreno@gmail.com](mailto:lauranerymoreno@gmail.com)

Instituto Nada Será Como Antes (INSA) - [laurencebleite@uol.com.br](mailto:laurencebleite@uol.com.br)

### Resumo:

A partir do aumento crescente do número de idosos no Brasil, surgem questionamentos acerca do sentido do envelhecer para o sujeito idoso, entre elas, se o sujeito idoso está de fato envelhe(endo). Sabe-se que a sociedade ainda olha para os idosos sem respeito e ética, e nesse artigo, a discussão se dá a partir da ética da Psicanálise, que é a ética do desejo. Dessa forma, trata-se de algumas visões do envelhecimento à luz da Psicanálise, tais como: a visão do idoso de si mesmo e o que contribui para tal, o comprometimento das atividades que antes faziam parte da rotina, mudança na aparência física, queda da renda mensal, o tabu da sexualidade, a saída do ambiente de trabalho, a chegada da aposentadoria, a mudança no cotidiano do idoso e da família onde está inserido, já que com a chegada da aposentadoria o mesmo passa a estar em casa em horários que antes não estava, etc. Diante dessas mudanças, esse trabalho procura olhar pra essas questões a partir da abordagem psicanalítica, onde o idoso é um sujeito desejante, o que não é determinado pela idade que possui.

**Palavras-Chave:** Envelhecimento, Psicanálise, Afetações.

### Introdução

Os índices estatísticos mostram que o envelhecimento populacional é um fenômeno mundial. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD, 2018) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população brasileira manteve a tendência de envelhecimento nos últimos anos e ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017. Acredita-se ainda que em 2025 existirão 32 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, sendo o sexto país com mais pessoas idosas no mundo.

Diante dessa demanda, surgem algumas indagações acerca desse processo, entre elas, o sujeito que se torna idoso está de fato envelhe(endo)?

Sabe-se que a sociedade contemporânea não está preparada para acolhê-los com dignidade, respeito e ética. Quanto a ética da psicanálise, que se refere a ética do desejo, os idosos por muitas vezes esquecem que mesmo com as opiniões alheias, ainda carregam em si suas vontades, prazeres e singularidade. A velhice vem acompanhada por inúmeras questões impostas pelo biopsicossocial, podemos dizer que dois pontos importantes que servirão como norteador desse artigo são: o sujeito idoso vê o seu envelhecimento pelo olhar do Outro e se percebe velho pela imagem que o Outro lhe devolve.

## Metodologia

O presente artigo buscou compreender por meio de um viés psicanalítico a percepção que o idoso tem de si, sendo uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo para qual foi utilizado como método a Pesquisa bibliográfica, apoiada na literatura especializada por meio de textos e livros de Psicanalistas que abarcassem o tema, além de autores que tratam sobre o envelhecimento, objetivando relacionar a terceira idade com a teoria psicanalítica.

De acordo com Gil “a principal vantagem da Pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao instigador a cobertura de uma gama de fenômeno muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (2009, p. 69).

A respeito dos autores, para embasamento teórico acerca da Psicanálise foram utilizadas obras de Jaques Lacan e Sigmund Freud, bem como, autores que tratam sobre o envelhecimento, Simone Beavouir, Guite Zimerman e Ângela Mucida.

## Resultados e Discussão

Mucida (2006, p. 129) nos explica que “a psicanálise opera com um real que, apesar de não poder ser visto, não ser tocado, não ser nomeado, tem incidência sobre o sujeito.” Refere-se portanto ao Inconsciente, objeto de estudo da Psicanálise, a partir daí, podemos presumir que o sujeito da prática analítica é o sujeito do inconsciente, e este não envelhece.

A velhice é também efeito dos discursos, nessa etapa da vida é comum que o sujeito idoso se coloque no lugar de objeto e oposto ao lugar de sujeito desejante; trata-se de um momento onde ocorre um abalo na estrutura do sujeito em relação as perdas sofridas, se culpando pelos objetos perdidos e olhando para si com melancolia, sejam pelas mudanças em sua rotina, a visão estigmatizada da sociedade que liga a velhice a invalidez, a dificuldade em realizar tarefas antes realizadas, o comprometimento de sua aparência física, queda da renda mensal pela aposentadoria, entre outros fatores que podem impactar diretamente na autoestima e motivação do mesmo.

No tocante ao biológico, sabe-se que com as transformações do corpo surgem algumas debilidades na saúde, o que está diretamente atrelado a mudança de hábitos já que não mais se consegue realizar as atividades de costume. A respeito dessas mudanças, Zimerman (2007) cita como impactos na aparência: manchas escuras na pele, bochechas enrugadas, flacidez da pele, ombros arredondados e encurvamento da postura e diminuição da produção de novas células e impactos na fisiologia: a perda de neurônios do cérebro, metabolismo mais lento, digestão mais complicada, aumento da fadiga e insônia, olfato e paladar reduzido, diminuição da visão e audição e maior fragilidade óssea, o que pode aumentar inclusive o risco de quedas.

Ainda no contexto biológico, cabe falar acerca da sexualidade do idoso, que é considerado um assunto tabu na sociedade. No entanto, Freud na introdução do conceito de pulsão em seu texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) traz que não há regras sexuais, mas sim regras sociais. Coloca que o desejo e a libido não tem idade, sendo a sexualidade adulta e infantil, presente durante toda a vida do sujeito, não sendo determinado a ausência do desejo pela idade, nem a partir da frequência das relações sexuais. A sexualidade no idoso pode encontrar outros caminhos, onde o desejo não morre, apenas encontrando outras maneiras de inscrição.

Mucida (2006) afirma ainda que na velhice o real da castração se coloca frente ao sujeito, uma vez que as perdas, não somente corporais, remetem o sujeito à fase do espelho, mas nesse caso, um espelho quebrado, já que na infância esta fase remete a uma imagem

inteira (ainda que ilusória), enquanto que na velhice o idoso se depara com um corpo despedaçado, um corpo para a morte. Corroborando com tal questão, Beauvoir traz que “é uma surpresa, um assombro, perceber-se velho. O espelho mostra o que os outros percebem, mas a pessoa reluta em aceitar a mudança em si própria. Dessa forma, velho é sempre o outro [...]” (1990, p. 35).

Lacan traz o conceito de significante como “aquilo que representa o sujeito para outro significante” (LACAN, 1960/1998, p.833). A partir desse, diremos que a velhice é também um significante que representa aquele sujeito para outro significante, por exemplo: aposentadoria, cabelos brancos, menopausa, rugas, etc. são significantes que só fazem sentido a partir da forma como se inscrevem na cadeia discursiva de cada sujeito.

Acerca de fatores psicossociais, Zimerman (2007) aborda que o envelhecimento pode acarretar ao idoso dificuldade em se adaptar a novos papéis e as mudanças rápidas, falta de motivação para viver e planejar o futuro, alterações psíquicas, necessidade de trabalhar perdas orgânicas, afetivas e sociais, distorção e baixa autoestima. No discurso de Zimerman, percebe-se as afetações e pode-se enxergar de forma bem marcada a chegada da aposentadoria, já que ao se aposentar o sujeito passa pelo confronto ao vazio que advém das horas que antes eram dedicadas ao trabalho, o que contribui para baixa autoconfiança, além da perda das relações sociais com colegas de trabalho, preocupações acerca de seu futuro e das suas finanças e recusa em se colocar como aposentado, que se configura como um momento carregado de dúvidas, como a incerteza do futuro, bem como o enfrentamento de uma outra questão de difícil aceitação: ser considerado “velho”.

O trabalho exerce um papel demarcante na vida do sujeito, deste modo a chegada da aposentadoria apresenta-se como uma interrupção da função social deste ser. Eugene Enriquez (1999) cita o trabalho enquanto promotor de história a partir da produção de economia e devido a esse fator que tornou-se valorizado para a sociedade, como símbolo de liberdade para o homem, A aposentadoria como forma direta de se enxergar a velhice, sendo esta etapa do ciclo demarcada pela perda do papel central de provedor, e de como o sujeito idoso enxerga o trabalho. Mucida (2006), expõe que a velhice impõe, pois, o luto dos objetos perdidos e a criação de novas vestimentas para o desejo a partir dos traços marcados pelo indivíduo, deste modo o idoso deve passar a realizar investimentos libidinais em outro objetos que não mais o trabalho. De acordo com Moscovi (1992) a perspectiva construtivista privilegia, portanto, tanto a relação dialética entre a esfera individual e social, onde o sujeito se vê enquanto passível ao envelhecimento e sente isso externalizado pela sociedade que o circunda, como por exemplo com a concretização da aposentadoria e quanto a relação dialética entre pensamento e atividade, onde o sujeito se vê enquanto ser desejante, porém com limitações na realização dos mesmo, o que não torna a atividade impossível de concretização.

Lacan (1988, p.26) traz que “antes de qualquer formação do sujeito que pensa, que se situa aí – isso conta, é contado, e no contado já está o contador. Só depois é que o sujeito tem que se reconhecer ali como contador.” No tocante a clínica psicanalítica, para melhor entender a noção do sujeito falante e que se reconhecesse em seu discurso, se faz necessário compreender um pouco da descoberta de tais conceitos, dessa forma, pensaremos em um dos mais caros conceitos a Psicanálise: a transferência. Freud em seu texto *Análise terminável e interminável* (1937), fala que não há análise sem transferência. E a partir desse ponto, discorreremos brevemente acerca de tal conceito, ainda no início da Psicanálise, visto em *Estudos sobre a Histeria* (1895) em que as históricas falavam sobre suas questões, mas tinham o inconsciente acessado não porque desejavam dizer, mas sim, porque um outro as

fazia falar. Dessa forma, pensamos no sujeito sendo o médico e as históricas, o objeto. A posição das históricas enquanto objetalizadas é o que nos impede de chamar naquela época tal prática de Psicanálise, pois para haver análise faz-se necessário que o analisante esteja no lugar de sujeito, como vem sendo discutido acerca do idoso. Freud descobriu que se houvesse uma relação amorosa, transferencial, haveria a possibilidade de que aquele dizer fosse desejado de verdade, e que, na continuação do processo de análise, continuariam lembrando, e dessa forma faria mais efeito. Assim, concluímos que a importância da transferência, e que através da mesma, faz-se emergir o lugar do analisante enquanto sujeito, não enquanto objeto. Essa travessia de objeto para o outro em sujeito desejante faz toda a diferença no processo psicanalítico, sendo dessa forma, a transferência uma aliada. Dessa forma, cabe ao analista, fazer o convite para a fala, um convite ao sujeito para que faça uma leitura particular de sua própria história, podendo ressignificar algo dessas perdas (CASTILHO, 2005). Deste modo, suportar que algo sempre falte, incluindo significantes para nomeá-los, possibilita ao sujeito responder de forma mais inventiva a falta, ao extrair dessa um saber sobre si mesmo (MUCIDA, 2006).

## Conclusão

A partir da escrita desse artigo, torna-se possível inferir que o trabalho é considerado um dos maiores marcadores na construção da identidade individual, uma vez que propicia o engajamento com o mundo externo e a definição de si próprio a partir dos papéis sociais que desempenha, além disso, o idoso encontra outras dificuldades com a aceitação advinda da sociedade onde o mesmo está inserido. Nessa etapa da vida, ocorrem muitas modificações e perdas com a velhice, todas deixando marcas sobre o eu, sobre o corpo e os laços sociais estabelecidos, tais marcas demandam acompanhamento para que o idoso consiga obter tratamento do sofrimento, auxiliando-o na quebra do isolamento, abrindo novas possibilidades de laço social. Conforme falado, na análise só existe um sujeito, o do inconsciente. E o inconsciente não envelhece.

## Referências

BRASIL, Ministério da Saúde. Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. Agência IBGE Notícias. Estatísticas sociais, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017.html> Acessado em: 04 de Setembro de 2018.

BEAUVOIR, Simone. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1990.

BREUER, Joseph.; FREUD, Sigmund. (1895). Estudos sobre a histeria. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

CASTILHO, Glória. Perda de laços, solidão e sentimento de estranheza: questões na clínica com idosos. In: HANNA, M. S.; SOUZA, N.S. (orgs.) O objeto da angústia. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937) in Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V.7. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008

LACAN, Jaques. Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise, 1988.

MUCIDA, Ângela. O sujeito não envelhece – Psicanálise e velhice. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ZIMERMAN, Guite I. Velhice: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed, 2007.